



Jornadas culturais 2010 - Centro de Memória Fundação Bunge

Ação Educativa: Mediação Cultural em Museus

Mila Chiovatto

Coordenadora do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo

Em nosso encontro trataremos de algumas noções básicas acerca do Patrimônio e dos Museus; apresentaremos, ainda, aspectos da Nova Museologia, tendência que propõe o museu como espaço de memória, mas também de discussão da sociedade.

Também serão apresentados alguns referenciais teóricos acerca do ensino de arte na escola, e as distinções básicas destas práticas para com as ações educativas em museus. Finalizando, apresentaremos os programas e a estrutura do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo, bem como os materiais educativos por nós produzidos.

Sobre museus

Os museus são definidos nos estatutos do Conselho Internacional de Museus, ICOM, como uma **“instituição sem fins lucrativos, permanente, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, e aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e divertimento, testemunhos materiais do povo e de seu ambiente.”**



Entretanto o que se recolhe num museu não é toda a produção humana, mas uma seleção desta produção, a partir da qual se constitui sua coleção.

Esta seleção, realizada pela museologia, se preocupa com a *informação* trazida pelos objetos a partir de sua documentalidade, ou seja, o documento diz e ensina algo sobre alguma coisa; de sua testemunhalidade, ou seja, o quanto atesta o sentido de presença em determinado tempo, de presença no ato ou fato que documenta; e de sua fidelidade, como veracidade ou fidedignidade.¹

Assim, os objetos pertencentes à coleção dos museus são fruto de uma seleção da cultura material humana, por isso, por meio deles podemos entender *como* somos e percebê-los como parte *do que* somos.

Por esse motivo é fundamental preservá-los, pois são capazes de *nos significar*.

“Preservar para que? Por que os objetos têm, para nós, um significado. (...) Na medida em estes significados entram para nossa hierarquia de valores, ou seja, de simples “coisas” (“res”) passam a bens, transfiguram-se em patrimônio (conjunto de bens) e em patrimônio cultural.”²

Mas para que entrar em contato com estes objetos? E por que investir em suas potencialidades significativas? Apenas para conhecê-los melhor?

Ao contrário, entendemos que a apropriação, leitura e significação dos objetos resguardados pelo museu têm relevância para além dessa ação, para além do espaço-tempo vivenciado no museu. As ações de leitura, significação e apropriação dos objetos museais apontam ao mesmo tempo para o sujeito que lê e para o mundo ao seu redor, estabelecendo um fluxo de significação entre objeto, sujeito e mundo.

¹ GUARNIERI, Waldisa Russio Camargo. “Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação”, in: *Revista do Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural*, n. 3, 1990, pg. 8.

² Idem, ibidem, pg.8.



“...é através da musealização de objetos, cenários e paisagens que constituam sinais, imagens e símbolos, que o Museu permite ao Homem a leitura do Mundo.

A grande tarefa do museu contemporâneo é, pois, a de permitir esta clara leitura de modo a aguçar e possibilitar a emergência (onde ela não existir) de uma consciência crítica, de tal sorte que a informação passada pelo museu facilite a ação transformadora do Homem”.³

Desta forma, os objetos presentes no museu não extinguem sua relevância no próprio corpo físico ou no espaço do museu, mas apontam para fora de si, para o mundo, para a vida vivida da sociedade.

Nesta perspectiva, o museu pode ser entendido como uma instituição não apenas voltada à preservação de seus bens patrimoniais, mas uma instituição voltada à sociedade.

(O texto deste item foi extraído de *Educação Líquida*, Fundação Bienal, 2010 – no prelo)

Educação em Artes

Entre outras teorias e métodos desenvolvidos no passar do tempo para a prática da educação em artes na educação formal, talvez uma das mais conhecidas seja a denominada Abordagem Triangular, introduzida por Ana Mae Barbosa, que ressoa a proposta DBAE – *Discipline Based Art Education*, desenvolvida no Reino Unido e posteriormente aplicado também nos Estados Unidos e Canadá. Nesta proposta a proposta do DBAE, baseada em quatro pontos fundamentais do conhecimento em artes: a produção, a crítica a História da Arte e a estética; foram adaptadas para três apoios fundamentais para esta aprendizagem: a História da Arte, o fazer artístico e a Leitura de Imagens.

A estrutura tríade foi depois retomada de maneira distinta compreendendo os conceitos de Apreciar, Produzir e Contextualizar, nos PCN – Arte (Parâmetros Curriculares

³ Idem, *ibidem*, pg. 8.



Nacionais em Arte), propostos pelo Ministério da Educação como orientação geral à prática pedagógica em todo o território nacional.

Estas propostas encontram-se também entre as bases dos fazeres de educação em museus, entretanto é necessário ampliar as referências metodológicas ou propostas de práticas pedagógicas para este universo, uma vez que o Museu se difere fundamentalmente da escola.

Desta forma, também podemos tomar como referenciais também os resultados das pesquisas de Abigail Housen, que concluiu em seus estudos que existem cinco tipos possíveis de leitores, publicando suas conclusões em sua tese de doutoramento *The eye of the beholder: measuring aesthetic development*. Harvard University, 1983. Mas também incorporar as idéias de Robert Ott que propõe um sistema dinâmico, integrado e articulado de seis instâncias que acredita serem necessárias à apreciação de obras de arte. E ainda incorporar as propostas interpretativas voltadas principalmente à fruição da arte contemporânea, postulada por Michael Parsons.

Mas cada vez mais incorporamos na atuação educativa museal reflexões derivadas da filosofia ou de outras áreas de conhecimento, entre estas podemos destacar as contribuições do filósofo americano John Dewey ou do doutor em filosofia da educação Jorge Larrosa, cada qual com suas propostas para o conceito de experiência. Um conceito tão repetido quando falamos do prazer de estar no museu, frente a uma obra de arte.

Educação em museus

Muitas vezes ao pensarmos sobre as ações educativas em museus nos vem à mente grupos de estudantes sendo guiados por profissionais desta instituição. Talvez seja esta mesma a imagem mais típica desta atuação. Estas visitas, no mais das vezes, realizada a partir de uma demanda do próprio professor, são a face mais visível dos processos educativos dos museus ao grande público.



A estreita filiação aos sistemas da educação formal, a que muitas vezes está submetido o setor educativo dos museus, gera uma confusão de abrangência entre as duas ações educativas que são, em si, distintas. Não se quer dizer com isso que não devam ocorrer sinergias, cooperações e construções conjuntas entre esses dois tipos de instituições educacionais, mas é preciso distinguir suas especificidades para que não ocorram situações simplistas como a substituição do espaço da sala de aula, pelo espaço do museu, transformando a visita a um espaço cultural em uma aula.

De maneira geral, podemos distinguir os processos de educação não formal dos realizados no ensino formal por sua maior flexibilidade em relação ao tempo, espaços, conteúdos e metodologias de trabalho. Normalmente, os processos de educação não-formal podem adaptar conteúdos de aprendizagem a cada grupo específico; oferecem maior possibilidade de trabalhar ao mesmo tempo diversas áreas do conhecimento; não necessitam ou pressupõem certificação; tem foco na aprendizagem baseada em aspectos do conhecimento prévio, da prática, cultura e do cotidiano dos educandos e educadores; valorizam a oralidade; desenvolvem processos educativos que respondam às demandas mais imediatas dos grupos; buscam por uma relação prazerosa com a aprendizagem; não pressupõem um controle legal; trabalham com a diversidade (etária, étnica, de gênero, econômica, de classe social etc.) e possibilitam a participação voluntária por parte dos educandos nas propostas.⁴

A educação em museus enquadra-se neste campo, ou seja, o da educação não-formal, devendo ser, idealmente, encarada como projeto, assim, embora apresente objetivos, princípios e métodos pré-organizados, deve atuar com uma dinâmica que responda às expectativas das pessoas e grupos envolvidos, das avaliações do processo (mesmo durante sua ocorrência) e dos novos interesses que surgem a partir da ação, reorganizando-se constantemente.

⁴ Fernandes, Renata S. e Garcia, Valéria A. "Algumas orientações para navegadores e principiantes na navegação: relacionando a pedagogia de projetos com a educação não-formal", p. 03. Von Simson, Olga Rodrigues de Moraes; Park, Margareth Brandini; Fernandes, Renata Sieiro (orgs.) *Educação não-formal: cenários da criação*. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 200, pgs. 10 e 11.



Por seu caráter não cumulativo, sendo uma ação realizada, no mais das vezes, em uma única oportunidade durante a visita à instituição, a ação educativa em museus deve ser pensada a partir das características institucionais e da variedade das expectativas e perfis de seus visitantes, tendo seus conteúdos primordiais voltados à construção de sentidos acerca da instituição e de seus bens patrimoniais, testemunhos da cultura material das sociedades⁵.

(O texto deste item foi extraído de *Educação Líquida*, Fundação Bienal, 2010 – no prelo)

Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo

A configuração atual do **Núcleo de Ação Educativa na Pinacoteca do Estado de São Paulo** iniciou-se em 2002 e partiu da responsabilidade de construir uma atuação potente em educação, tendo como objetivos aprofundar a fruição e a compreensão das obras pertencentes ao rico acervo desta instituição a públicos cada vez mais amplos, variados e freqüentes.

A partir de uma **pesquisa preliminar** que buscou reconhecer o perfil do visitante tanto organizado em grupos e atendidos em visitas educativas, quanto o público espontâneo do museu, percebemos algumas necessidades educativas para estes públicos, mas principalmente reconhecemos aqueles que não participavam deste universo⁶.

Assim, as prioridades do **Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca (NAE)** foram definidas e se encontram voltadas para **desenvolver ações educativas a partir das**

⁵ Aidar, Gabriela e Chiovatto, Milene, "Ação educativa em museus", in: Park, Margareth B.; Fernandes, Renata S. & Carnicel, Amarildo (orgs.), Palavras-chave em educação não-formal. Holambra/Campinas: Ed. Setembro/Unicamp-CMU, 2007.

⁶Pesquisa de perfil de público visitante da Pinacoteca - "Você e o museu" (2002). Disponível para consulta no Cedoc e na biblioteca do museu.



obras do acervo, promover a qualidade da experiência do público no contato com as obras, garantir a ampla acessibilidade ao museu⁷, além de incluir e transformar em freqüentes, públicos não habitualmente freqüentadores.

O NAE está organizado por meio de programas ou ações sistemáticas, que atuam com diferentes públicos-alvo. Além das **visitas educativas**, disponíveis a quaisquer grupos organizados que as agendem previamente, tendo como diferencial a realização de atividades lúdico-educativas denominadas **propostas poéticas**, que tem como objetivo criar situações de aprendizagem de âmbito mais concreto e vivencial, complementando as **leituras de imagem** realizadas nas visitas à exposição de longa duração.

Também são realizados **encontros preparatórios para professores**, que visam dar subsídios pedagógicos acerca de conceitos de patrimônio e arte, por meio da análise e estudo de obras do acervo da Pinacoteca e de algumas de suas exposições temporárias. Estas propostas buscam desenvolver junto aos professores a autonomia de criação de seu próprio projeto pedagógico, incentivando o gosto pela freqüência cultural, revelando a importância do patrimônio e da arte como recursos educativos potentes para gerar processos inclusivos no âmbito da cultura.

Para tanto, também nos utilizamos de recursos das TIC, como a implantação do **Espaço Virtual Pedagógico⁸**, que visa subsidiar a construção e desenvolvimento de projetos em educação formal, tendo a arte, a cultura e o patrimônio como núcleos de articulação interdisciplinar. Para tanto, está estruturado em três grandes blocos com banco de textos e *links* para referência de pesquisa dos professores; material de apoio pedagógico produzido pela Pinacoteca do Estado disponível para *download*, e a manutenção de um fórum para discussão e orientação de projetos pedagógicos. Com esta ação criamos interatividade constante com os professores, promovendo oportunidades de reflexão e desenvolvimento de projetos qualificados que futuramente formarão um banco

⁷ Utilizamos o termo *acessibilidade* em sua ampla acepção, envolvendo não apenas as questões ligadas à promoção de *acesso físico*, por meio da garantia de circulação e afluxo de público às instituições, mas também - e especialmente -, envolvendo questões ligadas a aspectos mais intangíveis do contato com os museus, como aqueles ligados ao *acesso cognitivo*, ou seja, ao desenvolvimento da compreensão dos discursos expositivos, e ao que podemos chamar de *acesso atitudinal*, por meio do desenvolvimento da identificação com sistemas de produção e fruição, e da confiança e prazer pela inserção no espaço do museu.

⁸ Acessível pelo site: www.pinacoteca.org.br



de projetos, considerados de excelência, associando a prática educativa formal aos conteúdos tratados pelo museu.

Desde 2003 o NAE desenvolve o **Programa Educativo Públicos Especiais (PEPE)** que atua junto a grupos de **pessoas com deficiência sensorial, física ou mental**, por meio de uma série de abordagens e **recursos multissensoriais**. O PEPE realiza **visitas educativas** por obras selecionadas e tornadas acessíveis em nossa exposição de obras do acervo, inclusive em LIBRAS⁹ (realizado por uma **educadora surda**); realiza **cursos de formação** para profissionais interessados em utilizar a arte e o patrimônio como recursos inclusivos; desenvolve **publicações para surdos e para cegos em tinta e Braille**; oferece **transporte gratuito e adaptado** para pessoas com deficiência; elaborou e realizou a implantação de uma **Galeria Tátil de Esculturas** originais do acervo que, utilizando um **áudio-guia** especialmente elaborado para este fim, garante ao visitante cego a autonomia de visita ao museu.

O NAE, desde sua implantação desenvolve o **Programa de Inclusão Sociocultural (PISC)** que visa promover o acesso qualificado aos bens culturais presentes no museu a **grupos em situação de vulnerabilidade social**, com pouco ou nenhum contato com instituições oficiais da cultura, buscando contribuir para a promoção de mudanças qualitativas no cotidiano desses grupos e para a formação de novos públicos de museus. Com estes objetivos o programa desenvolve parcerias com instituições socioeducativas e realiza **visitas continuadas, orientadas por demanda e perfil** de grupo em consonância aos processos educacionais desenvolvidos nas instituições de origem; realiza **curso de formação para educadores sociais**, para que qualifiquem suas práticas socioinclusivas a partir dos conceitos de patrimônio arte e cultura. Realizou uma **publicação voltada aos educadores sociais** e distribuída gratuitamente a duas mil instituições sociais do Brasil e oferece **transporte gratuito** para pessoas em situação de vulnerabilidade social, possibilitando sua vinda ao museu. Atualmente também realiza **atividades extramuros**, no sentido de aproximar o museu de grupos de adultos em situação de rua, por meio de oficinas de xilogravura e criação de texto e visitas sistemáticas ao museu. Esta ação

⁹ LIBRAS – Língua brasileira de sinais



resultou em **exposições no museu, em outras instituições culturais e museais**; além da **publicação de um catálogo e um caderno de textos reflexivos** sobre processos inclusivos em museus.

No sentido de garantirmos a plena utilização do museu como espaço para todos, desenvolvemos ainda o **Programa Consciência Funcional**, que promove a formação continuada de funcionários do museu, especialmente de recepção, manutenção e segurança, em aspectos da **educação patrimonial** e nas **especificidades das instituições museológicas**. Composto por 6 módulos de formação o, o Programa começa por apresentar as especificidades das **atividades técnicas** do museu e avança para discutir questões ligadas à **recepção de público, significação coletivo do patrimônio** resguardado pelo museu e suas **funções sociais**.

Além disso, desenvolve uma série de **publicações e recursos de mediação** para **educadores e professores** utilizarem em sua prática pedagógica fora do museu, apresentando questões patrimoniais e de análise, percepção e interpretação de imagens de obras de arte. Os materiais de apoio à prática pedagógica desenvolvidos pelo NAE sobre obras de nosso acervo foram encaminhados **gratuitamente às 6.000 escolas** estaduais da rede pública de ensino em todo o estado e distribuído a todos os professores interessados do país. Também foram desenvolvidos **materiais exploratórios para os alunos visitantes**. Em formato de **cartões postais** duplos para estudantes do ensino médio, trazendo questões interpretativas no verso; e para alunos do ensino fundamental um **“manual de curiosos”** para incentivar o ato de descobrir as possibilidades de percepção, análise e interpretação do patrimônio e da arte.

Para o **público espontâneo** em visita, foram desenvolvidos vários recursos para garantir a autonomia da visita tais como **jogos para visitas familiares, guias de autovisita** chamados **Para Saber Mais e etiquetas comentadas**.

Nossas ações educativas, embora formuladas como programas autônomos voltados à diferentes perfis de público, atuam em sinergia, trocando constantemente experiências sob diretrizes pedagógicas comuns.



Com a atual estrutura, compreendemos cada vez mais profundamente o fundamental papel social que as instituições culturais podem assumir no esforço coletivo para a construção de uma sociedade mais igualitária.